

Verger

Assassino do arcebispo de Paris. Em 3 de janeiro de 1857, monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, (...) foi ferido mortalmente por um jovem padre chamado Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de janeiro. Até o último momento permaneceu insensível, sem dar mostra alguma de remorso ou pesar. Evocado no mesmo dia da sua execução, ele deu as seguintes respostas:

1. [Evocação.] R. Ainda estou preso a meu corpo.
2. Sua alma então ainda não se desligou inteiramente do corpo? R. Não... tenho medo... não sei... É preciso aguardar até que me dê por mim... Não estou morto, não é mesmo?
3. Arrependeu-se do que fez? R. Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter que não tolerava humilhações... Evocai-me depois outra vez. (...)
4. Por que já quer partir? R. Ficaria aterrorizado se o visse, por receio de que me fizesse o mesmo.
5. Mas não tem nada a temer, pois sua alma está separada do corpo. Afaste seu desassossego, pois não tem razão de ser.
6. Trate de acalmar-se. R. Não consigo, porque estou louco... Um momento!... Vou recobrar minha lucidez.
7. A oração poderá ajudá-lo a voltar a si. R. Tenho medo... Não me atrevo a orar.
8. Ore, pois a misericórdia de Deus é grande! Oremos juntos. R. Sim, a misericórdia de Deus é infinita, sempre acreditei nela.
9. Agora compreende melhor a sua situação? R. É tão extraordinária que ainda não posso perceber a causa.
10. Consegue ver sua vítima? R. Parece que ouço uma voz que se assemelha à dele, e que me diz: "Não te quero mais...". Mas é um efeito da minha imaginação!... Estou louco, certamente, pois vejo meu corpo de um lado e minha cabeça de outro... e, contudo, parece-me que vivo, mas no espaço entre a Terra e o que chamais de céu... Sinto até a lâmina fria da guilhotina caindo-me sobre o pescoço – mas isso vem do pavor que tenho de morrer... Parece-me ver numerosos espíritos à minha volta, olhando-me com compaixão... Falam comigo, mas não os entendo.
11. Entre esses espíritos há algum cuja presença o humilhe por conta de seu crime? R. Diria que existe apenas um que me causa temor, o que feri. (...)

Três dias mais tarde.

13. Reconhece-se melhor agora? R. Sei agora que não pertencço mais a esse mundo, e não o lamento. Lamento o que fiz, mas meu espírito está mais livre. Compreendo também que há uma série de existências que nos dão os conhecimentos úteis para nos tornar perfeitos tanto quanto possível à criatura humana.
14. Foi punido pelo crime que cometeu? R. Sim. Lamento o que fiz e sofro por isso.
15. De que maneira foi punido? R. Sou punido porque reconheço minha falta e por ela peço perdão a Deus. Sou punido pela consciência da minha falta de fé em Deus,

e porque sei agora que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos. Sou punido pelo remorso de haver retardado meu progresso, agindo de modo errado e não ouvindo a voz de minha consciência, que me alertava que não seria com um assassinato que alcançaria o meu objetivo. Mas deixei-me dominar pelo orgulho e pelo ciúme. Enganei-me e arrependo-me por isso, pois o homem deve sempre esforçar-se para domar suas más paixões, o que não fiz.

16. Que sentimento experimentou quando o evocamos? R. Um misto de prazer e receio, pois não sou mau.

17. Em que consistem esse prazer e esse receio? R. O prazer de conversar com os homens e de poder, em parte, reparar minha falta ao confessá-la. Um receio que eu não saberia definir, uma espécie de vergonha por ter sido um assassino.

18. Deseja reencarnar na Terra? R. Sim, eu peço que isso aconteça, e desejo encontrar-me constantemente exposto ao assassinio, experimentando-lhe o temor.

Monsenhor Sibour, ao ser evocado, disse que perdoava seu assassino e orava pelo seu retorno ao bem. Acrescentou que, apesar de estar presente, não se mostrou a Verger para não lhe aumentar o sofrimento. O medo que o assassino tinha de vê-lo – um sinal de remorso – já era um castigo.

P. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino? R. Não. Ele sabe que, ao escolher uma vida de luta, para ele existe a possibilidade de matar um semelhante, mas não sabe se cometerá o crime, pois quase sempre está em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento de sua morte, é a de quase todos aqueles que sofrem uma morte violenta. Como a separação da alma não se opera de forma brusca, eles ficam como que aturdidos, sem saber se estão vivos ou mortos. A visão do arcebispo foi-lhe poupada porque não era necessária para despertar o remorso em Verger, ao passo que outros, ao contrário, são incessantemente perseguidos pelo olhar de suas vítimas. À enormidade do seu crime, Verger havia acrescentado o fato de não se ter arrependido antes de morrer. Reunia, portanto, todas os pré-requisitos necessários para merecer a condenação eterna. No entanto, logo que deixou a Terra, o arrependimento invadiu-lhe a alma. Repudiou o passado e deseja sinceramente repará-lo. Não foi o excesso de sofrimentos que o impeliu ao arrependimento, já que não teve tempo para sofrer, foi apenas o grito de sua consciência, que ele não ouviu durante sua vida e escuta agora. (...) Esse evento está longe de ser uma regra geral – se assim fosse, não haveria maus espíritos. Com frequência o arrependimento é tardio, e conseqüentemente a pena também é prolongada. A obstinação no mal durante a vida muitas vezes é proveniente do orgulho que impede o homem de curvar-se, confessando suas faltas. Além disso, ele está sob a influência da matéria que coloca um véu sobre suas percepções espirituais, fascinando-o. Caído esse véu, uma súbita luz o ilumina, sendo-lhe desfeitas as ilusões. O rápido retorno a sentimentos mais nobres é sempre o indício

de um certo progresso moral realizado, que não necessita mais do que uma circunstância favorável para que se revele, ao passo que aquele que persiste no mal por um tempo mais ou menos longo após a morte é, incontestavelmente, um espírito mais atrasado, em que o instinto material sufoca a semente do bem, e para quem ainda são necessárias novas provas para que se corrija.

Lemaire

Condenado à morte pelo Tribunal Penal de Aisne e executado no dia 31 de dezembro de 1857. Foi evocado no dia 29 de janeiro de 1858.

1. [Evocação.] – Aqui estou.
2. Que sentimento experimenta ao nos ver? – Vergonha.
3. Manteve-se consciente até o último momento? – Sim.
4. Imediatamente após a sua execução, teve conhecimento da sua nova realidade? – Fui mergulhado numa perturbação imensa, de que ainda não saí. Senti uma grande dor, e pareceu-me ser o coração que a sentia. Vi algo rolar até os pés do patíbulo. Vi o sangue correndo, e com isso minha dor tornou-se muito mais profunda.
- 4a. Era uma dor puramente física, semelhante àquela causada por um grave ferimento, a amputação de um membro, por exemplo? – Não. Imaginai antes um remorso, uma grande dor moral.
- 4b. Quando começou a sentir essa dor? – Desde que fiquei livre.
5. A dor física causada pela morte na guilhotina era sentida pelo corpo ou pelo espírito? – A dor moral estava em meu espírito, enquanto o corpo sentia a dor física – *mas o espírito separado ainda se ressentia da dor física.*
6. Viu o próprio corpo mutilado? – Vi algo disforme, que me parecia não haver abandonado. Mas ainda me sentia inteiro: era eu mesmo.
- 6a. Que impressão causou-lhe essa cena? – Sentia profundamente a minha dor, *estava completamente mergulhado nela.*
7. É verdade que o corpo ainda sobrevive alguns instantes após a decapitação e que o supliciado tem consciência de suas ideias? – O espírito retira-se pouco a pouco. Quanto mais os laços da matéria o prendem, mais demorada é a separação.
8. Dizem ter sido observada no rosto de certas vítimas da guilhotina a expressão de cólera e movimentos, como se quisessem falar. Seria o efeito da contração nervosa ou de uma ação da vontade? – Da vontade, porque o espírito ainda não se havia retirado.
9. Qual foi o primeiro sentimento que experimentou ao entrar em sua nova existência? – Um sofrimento insuportável, uma espécie de remorso penetrante cuja causa eu ignorava.
10. Reuniu-se aos seus cúmplices que foram ao mesmo tempo executados? – Sim, para nossa desgraça. A visão que temos é um suplício contínuo, continuamente censurando-nos uns aos outros os crimes cometidos.
11. Reencontrou as suas vítimas? – Posso vê-las. Elas são felizes... Perseguem-me com o olhar, que me penetra até o fundo do ser... Tento em vão fugir de seu olhar.

- 11a. Que sentimento experimenta ao vê-las? – Vergonha e remorso. Engendrei-as com minhas próprias mãos, mas ainda as odeio.
- 11b. Que sentimento elas manifestam ao vê-lo? – Piedade.
12. Têm elas ódio e desejo de vingança? – Não. Rogam por minha expiação. Não podeis imaginar que horrível suplício é dever tudo àqueles que odiamos.
13. Lamenta sua vida na Terra? – Lamento apenas os meus crimes. Se ainda estivesse em minhas mãos, eu não cometeria mais esse erro.
14. A tendência para o mal estava em sua natureza ou para ele foi arrastado pelo meio em que vivia? – A tendência para o crime estava em minha natureza, por eu ser um espírito inferior. Quis elevar-me rapidamente, e pedi mais do que minhas forças suportavam, no entanto. Acreditando-me forte, escolhi uma prova muito difícil e cedi às tentações do mal.
15. Se tivesse recebido uma boa educação, teria podido afastar-se da vida criminosa? – Sim, mas escolhi a condição em que nasci.
- 15a. Teria podido tornar-se um homem de bem? – Um homem fraco, incapaz de fazer o bem assim como o mal. Talvez conseguisse corrigir-me o pendor para o mal durante a existência, mas não teria conseguido elevar-me à prática do bem.
16. Durante a vida, acreditava em Deus? – Não.
- 16a. Dizem, no entanto, que se arrependeu no momento da morte. É verdade? – Eu acreditei em um Deus vingativo... Tive medo de sua justiça.
- 16b. Seu arrependimento agora é mais sincero? – Oh! Posso ver o que fiz.
- 16c. Que pensa de Deus agora? – Posso senti-Lo, mas não O compreendo.
17. Acha justo o castigo que lhe foi imposto na Terra? – Sim.
18. Espera obter o perdão de seus crimes? – Eu não sei.
- 18a. Como espera resgatá-los? – Por novas provas. Mas parece-me existir uma eternidade entre elas e mim.
19. Onde se encontra agora? – Mergulhado em meu sofrimento.
- 19a. Queremos saber em que lugar está. – Perto do médium.
20. Já que está aqui, se pudéssemos vê-lo, sob qual forma nos apareceria? – Com a minha forma corporal, a cabeça separada do tronco. (...)
21. Poderia dizer-nos como fugiu da prisão de Montdidier? – Não me lembro mais... Meu sofrimento é tão grande que tenho apenas a lembrança do crime... Deixai-me em paz.
22. Poderíamos trazer algum alívio a seus sofrimentos? – Rogai para que me chegue logo a expiação. (...)

Jacques Latour

Assassino condenado pelo Tribunal Penal de Foix e executado em setembro de 1864. (...) Não tendo sido feita nenhuma evocação específica, a médium foi tomada por uma agitação extraordinária, escrevendo com letras muito grossas – não sem antes rabiscar violentamente o papel – as seguintes palavras: “Arrependo-me! Arrependo-me! Latour”. (...) (D)irigimos ao espírito algumas palavras de conforto e de estímulo, fazendo-lhe depois esta pergunta: – Que motivo teve para vir até nós,

em vez de a outro lugar, já que não o chamamos? (...) – Vi que sois almas piedosas e teríeis compaixão de mim, enquanto outros evocam-me mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou então afastam-se de mim horrorizados.

Então começou uma cena indescritível que durou ao menos meia hora. (...) As marcas de desespero eram por vezes tão comoventes, suas angústias e sofrimentos descritos com um tom tão doloroso (...) que todos os assistentes ficaram profundamente comovidos. (...) Foi-lhe permitido isso, sem dúvida, para o benefício do espírito, mas talvez, também, para a instrução dos presentes.

Ansioso, ele prosseguiu: – Oh! Sim, piedade! Necessito muito dela, pois não sabeis como sofro... Não, vós não o sabeis, não podeis compreender... É horrível!... A guilhotina... o que é a guilhotina perto do que sofro agora? Um nada, um instante! Mas este fogo que me devora é pior, é uma morte contínua, um sofrimento sem trégua ou repouso... sem fim! E minhas vítimas que estão aqui à minha volta... que me mostram as feridas... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão aqui, diante de mim... Vejo-as todas... Sim, todas, vejo-as todas e não posso evitá-las... E esse mar de sangue?! Esse ouro manchado de sangue?! Tudo está aqui, sempre diante de mim... Sentis o cheiro de sangue? De sangue, sempre de sangue!... E as pobres vítimas, ei-las a implorar-me, e eu, impiedoso, que as golpeio, firo e mato! Inebria-me o sangue!

Eu acreditava que, após a morte, tudo estaria terminado, e assim é que a desafiei, desafiando a Deus, renegando-O!... Quando então julguei que estivesse aniquilado para sempre, um despertar terrível ocorre... Oh, sim, terrível!... Vejo-me cercado por cadáveres e imagens ameaçadoras... Chafurdo no sangue!... Acreditava estar morto, mas vivo!... Eu vivo para rever tudo isso (...) incessantemente! É pavoroso, horrível!... Pior que todos os suplícios da Terra!

Oh! Se todos os homens pudessem saber o que existe além da vida, conheceriam o alto preço a ser pago pelo mal que se faz! Não haveria mais assassinos, criminosos ou malfetores! Quisera que todos os assassinos pudessem ver o que vejo, o que sofro... Oh! Não existiria mais nenhum... É horrível demais o que sofro!

Bem sei que mereci este sofrimento, oh, meu Deus, pois não tive piedade das minhas vítimas! Repeli suas mãos suplicantes pedindo-me que as poupasse. Sim, fui mesmo cruel, matando-as covardemente para tomar-lhes o ouro!... Fui impiedoso. Blasfemei, meu Deus, reneguei vosso sagrado nome... Quis enganar-me, por isso quis persuadir-me de que não existíeis... Oh, meu Deus! Sou um grande criminoso! Compreendo agora. Mas... não tereis piedade de mim?... Sois Deus, sois a bondade, a misericórdia! Sois o Todo-Poderoso! Piedade, Senhor! (...) Vós que estais aqui e me ouvis, sois almas boas, caridosas. Sim, posso vê-lo, tendes piedade de mim, não é? (...) Oh, suplico-vos, não me rejeiteis. Vós pedireis a Deus que retire esse horrível espetáculo de ante meus olhos. Ele há de escutar-vos, porque sois bons... Peço que não me rejeiteis como outrora rejeitei os outros... Orai por mim!

Os assistentes, sensibilizados com os lamentos, dirigiram-lhe palavras de encorajamento e de consolação. (...) Como o seu coração não está insensível, e pede a Deus o perdão de seus crimes, Ele há de estender-lhe a sua misericórdia, desde que tenha firmeza em suas resoluções para reparar o mal praticado. (...) A duração de seu castigo está, desta forma, em suas próprias mãos, dependendo apenas de sua própria ação para abreviá-lo. Prometemos ajudá-lo com nossas preces, rogando-lhe a assistência dos bons espíritos.

Feita a prece, e após alguns instantes de calma, o espírito tornou a falar: – Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado, tivestes piedade de mim! As horríveis imagens se afastam... Não me abandoneis, enviai-me bons espíritos para me sustentarem... Obrigado. (...)

No dia seguinte, (...) voltou (...). A prece da véspera foi então repetida. O espírito continuou depois disso, dirigindo-se à médium: – Perdão por apossar-me de seu corpo. Obrigado pelo alívio que assim proporcionou a meus sofrimentos. Perdão por todo o desconforto que lhe ocasionei, mas tenho necessidade de manifestar-me, e somente consigo fazê-lo por seu intermédio... Obrigado (...)! Recebi algum alívio já, mas estou longe do fim de minhas provas. Em breve minhas vítimas retornarão: eis a minha punição. Eu a mereci, meu Deus, mas sede indulgente! Orai vós todos por mim, por piedade! Latour

Comentário de Kardec (...) A rápida mudança (...) indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual faltava apenas um bom direcionamento. (...)

A médium (...), dele mais tarde obteve a mensagem a seguir: - (...) A justiça dos homens é falha, no entanto. Por uma falta às vezes muito leve, um homem pode ser levado à prisão, que é sempre um lugar de perdição e perversão. Dali ele sai completamente corrompido pelos maus conselhos e exemplos que recebeu. Porém, se a sua índole é boa e forte o bastante para resistir ao mau exemplo, ele vê, ao sair da prisão, que se lhe fecham todas as portas, que se lhe retraem todas as mãos, que o repelem todos os corações honestos. O que lhe resta, então? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que ele abriga em si a resolução salutar de corrigir-se. A miséria então o leva a fazer qualquer coisa, e passa, também ele, a desprezar o seu semelhante, a odiá-lo, perdendo assim toda a noção do bem e do mal ao ver-se desprezado – ele que, no entanto, havia decidido tornar-se um homem honesto. Para obter o necessário, ele rouba; às vezes mata – depois condenam-no à guilhotina! Latour

Estudo sobre o espírito Jacques Latour

“Sofro por conta desse arrependimento, que revelou a enormidade de minhas faltas.” Tais palavras encerram um pensamento profundo. O espírito só compreende realmente a gravidade de suas más ações ao arrepender-se. O arrependimento provoca o pesar, o remorso. É um sentimento doloroso que representa a transição

do mal para o bem, da enfermidade moral para a saúde moral. (...) O remorso penetrou-lhe o coração, vindo em seguida o arrependimento. (...) As resoluções que tomou agora influirão em sua existência terrestre futura. A que ele acabou de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou para ele uma etapa de progresso. (...) Quanto ao mal de que não nos despojamos ainda por completo, nós o conhecemos através de nossas tendências atuais, e é para estas que devemos voltar toda a nossa atenção. (...) O véu lançado sobre o seu passado abre-lhe a porta da reabilitação.

O Evangelho segundo o Espiritismo (Trad. J.Herculano Pires) - **Cap. XI. Amar o próximo como a si mesmo - Caridade com os criminosos**

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos de Deus para o mundo. Entre os verdadeiros discípulos da sua doutrina deve reinar perfeita fraternidade. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, para as quais, desde que se arrependam, serão concedidos o perdão e a misericórdia, como para vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra a sua lei. (...) Não julgueis, meus queridos amigos, porque o juízo com que julgardes vos será aplicado ainda mais severamente, e tendes necessidade de indulgência para os pecados que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza, mas que o mundo não considera sequer como faltas leves? (...) A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência constante, e em todas as coisas, para com o vosso próximo (...); Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai; não façais diferenças entre vós e os infelizes, (...) não desprezeis a ninguém. Deus permite que os grandes criminosos estejam entre vós, para vos servirem de ensinamento. (...) Deveis a esses de que vos falo o socorro de vossas preces: eis a verdadeira caridade. Não deveis dizer de um criminoso: “É um miserável; deve ser extirpado da Terra; a morte que se lhe inflige é muito branda para uma criatura dessa espécie”. Não, não é assim que deveis falar! Pensai no vosso modelo, que é Jesus. Que diria ele, se visse esse infeliz ao seu lado? Havia de lastimá-lo, considerá-lo como um doente muito necessitado, e lhe estenderia a mão. Não podeis, na verdade, fazer o mesmo, mas pelo menos podeis orar por ele, dar-lhe assistência espiritual durante os instantes que ainda deve permanecer na Terra. O arrependimento pode tocar-lhe o coração, se orardes com fé. É vosso próximo, como o melhor dentre os homens. Sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar. Ajudai-o, pois, a sair do lamaçal, e orai por ele! (Elisabeth de França. Havre, 1862)